

TRADUÇÃO TÉCNICA, TERMINOLOGIA E LINGÜÍSTICA DE CORPUS: A FERRAMENTA WORDSMITH TOOLS

Gabriela Castelo Branco Ribeiro
Puc-Rio
gabrielacastelo@globo.com

Resumo: O presente trabalho pretende explorar um dos vários pontos de interseção entre tradução, terminologia e lingüística, com foco em algumas das tecnologias de suporte às tarefas do tradutor técnico profissional. Inicialmente, é feita uma breve apresentação sobre lingüística de corpus e suas relações com a tradução. Em seguida, são discutidas algumas das principais questões da pesquisa terminológica em tradução técnica, especialmente em relação à elaboração de glossários. Por fim, analisamos mais detidamente a ferramenta *WordSmith Tools*, destacando seus aspectos cujo potencial para terminologia em tradução parece ser mais promissor.

Palavras-chave: Tradução técnica, terminologia, glossários, lingüística de corpus, *WordSmith Tools*.

Abstract: The aim of the present paper is to explore one of the various points of intersection between translation, terminology and linguistics, focusing on some of the support technologies for technical translators. First, we present a brief overview of corpus linguistics and its relationship with translation. Then, we discuss some of the keys issues in terminology research and glossary creation for technical translation. Finally, we take an in-depth look at *WordSmith Tools*, highlighting the more promising aspects for terminology in this context.

Keywords: Technical translation, terminology, glossaries, corpus linguistics, *WordSmith Tools*.

Introdução

Com a popularização dos computadores pessoais na década de 80 e do acesso à Internet na década de 90, a informática passou a fazer parte das mais variadas áreas do saber e a desempenhar um papel cada vez mais fundamental no mercado profissional e no meio acadêmico.

Esses avanços tecnológicos tiveram repercussão decisiva na área de tradução, das mais diversas formas: crescimento do mercado de trabalho, com o aumento do número de livros, programas de computador, *websites*, materiais de marketing, e desenvolvimento de ferramentas que serviram para agilizar o trabalho de tradutores profissionais e pesquisadores. Dentre essas ferramentas, podemos mencionar desde aquelas mais gerais, como editores de texto (como o *Microsoft Word*), com corretores ortográficos e sintáticos, e dicionários eletrônicos, até programas mais específicos, como ferramentas de memória de tradução (como o *Trados Workbench*, o *SDLX* ou o *Wordfast*), ferramentas para gerenciamento de terminologia (como o *Trados Multiterm*), software para tradução de legendas (como o *Systimes* e o *Subtiter*), além de programas de tradução automática, que também podem servir de apoio para os tradutores profissionais e estão começando a ser utilizados em grandes empresas multinacionais para tradução de projetos com alto volume de texto.

Como aponta um estudo de 1999 do Comitê Canadense do Setor de Tradução, a familiaridade com essas ferramentas tornou-se imprescindível para que profissionais e pesquisadores explorem ao máximo as possibilidades de suas áreas, garantam mais oportunidades de trabalho e saibam reconhecer os melhores recursos para cada caso específico:

A expectativa do setor é de que os profissionais sintam-se confortáveis para usar recursos de tecnologia relacionados à tradução. Isso significa ter mais do que conhecimento teórico,

já que eles deverão estar familiarizados com os vários recursos disponíveis para tradução. Níveis mais altos de produtividade, garantidos pelo uso eficiente das ferramentas computadorizadas, cada vez mais serão uma questão de sobrevivência para as empresas de tradução. (apud Bowker, 2004:235, minha tradução)

No entanto, observa-se uma nítida divisão entre as ferramentas destinadas ao meio acadêmico e àquelas direcionadas ao mercado profissional. De forma geral, as ferramentas refletem a prioridade de cada setor: a pesquisa e o ensino, no caso da universidade, e a produtividade, no caso do mercado de trabalho.

Até recentemente, os cursos de formação e as universidades em geral não davam atenção às ferramentas e os alunos ficavam defasados em relação ao mercado, entrando em contato pela primeira vez com as ferramentas somente quando ingressavam no mercado de trabalho. Por outro lado, no meio acadêmico algumas ferramentas vêm ganhando espaço para pesquisa e ensino, mas ainda não foram “descobertas” pelo mercado profissional. Faz-se, portanto, necessária a investigação da aplicação das ferramentas específicas nos outros segmentos, para favorecer o intercâmbio de informações e conhecimento entre o meio acadêmico e o mercado de trabalho.

Muitas dessas ferramentas, tanto as utilizadas no meio acadêmico quanto as mais voltadas para o mercado profissional, têm como base os estudos de lingüística de corpus, como veremos a seguir.

Lingüística de corpus e tradução

Já na década de 60, os recursos tecnológicos vinham sendo empregados na pesquisa lingüística. Uma das áreas que se beneficiou amplamente do uso da tecnologia foi a lingüística de corpus, que vem se desenvolvendo e sendo aplicada a diferentes tópicos relaci-

onados à linguagem, utilizando análise lexical, sintática e discursiva para pesquisa e ensino de línguas estrangeiras, tradução, estudos culturais, descrição lingüística e várias outras práticas, em uma dada língua ou comparativamente.

De acordo com a definição de Stella Tagnin (2004), um corpus é “uma coletânea de textos em formato eletrônico, compilada segundo critérios específicos, considerada representativa de uma língua (ou da parte que se pretende estudar), destinada à pesquisa”.

Uma das principais vantagens da pesquisa baseada em corpus é a possibilidade de analisar dados empíricos. Como observa Tagnin (2002), o foco concentra-se no uso, medido pela frequência de ocorrências. Podemos nos basear nos dados e não somente em nossas intuições: “isso demonstra que uma busca num corpus produzirá colocações que estão em uso, ou seja, um corpus não fornecerá apenas a forma correta, mas principalmente a forma mais usual na língua sob investigação”.

Os corpora vêm sendo utilizados como grandes registros de língua falada e escrita. Vários chegam a ter muitos milhões de palavras de textos literários, textos jornalísticos, transcrições de língua falada, textos especializados. Há também corpora de língua geral, que procuram ser o mais representativo possível dos diversos tipos de textos, discursos e registros. A partir deles, há a possibilidade de desenvolvimento dos mais diversos trabalhos, desde dicionários de língua geral, como o *Collins Cobuild English Language Dictionary*, criado em 1987, até ferramentas de redes lexicais, como a *WordNet*.

Na área de tradução, os corpora vêm sendo usados para ensino e pesquisa de marcas específicas de textos traduzidos, como estudado detalhadamente por Mona Baker. A pesquisadora aponta algumas das possibilidades em seu *website* (<http://www2.umist.ac.uk/ctis/staff/mona.htm>):

um corpus de textos traduzidos também pode ser usado para estudo da variação na produção dos tradutores individualmente (como realizado em Baker 2000), do impacto de determinadas

línguas fontes na padronização da língua alvo, do impacto do tipo de texto nas estratégias de tradução e vários outros tópicos que são de interesse tanto para os estudiosos de tradução quanto para o lingüista de corpus. (minha tradução)

A pesquisa baseada em corpus vem contribuindo para as mais diversas áreas de tradução técnica e literária. O corpus paralelo *COMPARA*, por exemplo, possui cerca de dois milhões de palavras de textos literários, alinhando os textos originais em língua inglesa e em língua portuguesa às respectivas traduções, e pode ser consultado na Internet para observação de questões gramaticais, de estilo, marcas culturais e as diferentes soluções encontradas pelos tradutores das obras, por exemplo.

Além dos corpora paralelos, que alinham originais e traduções, existem também os corpora comparáveis, que relacionam textos originais sobre um determinado tema com textos originais em outro idioma, para que seja possível observar as diferenças lexicais, sintáticas, discursivas e pragmáticas em cada contexto original.

Já os corpora “descartáveis”, como definido por Varantola (2002), não precisariam seguir os mesmos critérios rígidos de elaboração e serviriam a fins bem específicos de pesquisa para uma determinada tarefa tradutória, sem a necessidade de serem preservados posteriormente.

Algumas ferramentas de análise de corpus concentram-se especialmente na análise sintática, como o *Unitex*, ou na análise lexical, como o *Wordsmith Tools*, ao qual voltaremos mais adiante.

Alguns pontos específicos analisados com essas ferramentas são a tradução de fraseologias, colocações e terminologia técnica, por exemplo, que podem ser amplamente beneficiadas pela análise de corpora em língua de origem e língua de chegada, contribuindo, assim, para a produção de um texto mais fluente e natural e com terminologia mais precisa.

Sobre a questão da fluência e da naturalidade do texto, Tagnin (2002) ressalta novamente a relevância do uso:

Por estranho que pareça, mesmo como falante nativo da língua alvo, o tradutor pode ter problemas no nível da produção para conseguir soluções naturais, caso se atenha tanto ao texto de partida a ponto de não perceber que, entre formas igualmente gramaticais, uma delas é de uso mais corrente. Em outras palavras, pode não se dar conta de que, dentro de uma gama de formas gramaticalmente possíveis, há certas formas que têm uma probabilidade maior de ocorrerem.

Dentre os aspectos relacionados à tradução que podem ser analisados em corpora, Sardinha (2004) destaca a *prosódia semântica*: a partir da observação dos principais *colocados*, identifica-se a relação entre itens lexicais equivalentes e as possíveis diferenças de conotação, que pode ser negativa, positiva ou neutra e variar de um idioma para outro. Alguns exemplos apresentados pelo autor são:

- 1) *cause/causar* – o par apresenta conotação negativa tanto em inglês (*cause anxiety, concern, death*) quanto em português (*causar problemas, danos, morte*)
- 2) *happen/acontecer* - tem prosódia semântica negativa em inglês, com poucas ocorrências com eventos inesperados (com *miracle*, por exemplo). Já em português, pode ser negativa (*acontecer* com *crime, acidente*, bastante frequentes), mas em muitas ocorrências é neutra (com *nada, coisa, final*), além de poder ser usado com situações fixas (*evento, jogo*), diferentemente das situações inesperadas em inglês.

Outra área que vem se beneficiando da análise de corpus é a terminologia. Tagnin (2002) apresenta um estudo detalhado sobre o tema aplicado à formação de tradutores e à prática tradutória.

A terminologia é, sem dúvida, um dos principais desafios na área de tradução técnica de especialidade e contar com recursos tecnológicos para extração e análise de termos já pode ser considerado indispensável na terminografia atual.

Tradução e terminologia

O trabalho terminológico pode assumir características muito variadas, dependendo se ele é realizado como atividade fim, para elaboração de dicionários ou padronização em setores da economia, por exemplo, ou como atividade de apoio, como é o caso na tradução.

Uma das principais diferenças está no tempo dedicado à atividade: no trabalho terminológico como atividade fim, o tempo é todo voltado a essa tarefa, ao passo que no processo tradutório o tempo dedicado à terminologia é limitado pela urgência dos projetos e pela necessidade de conclusão de outras tarefas, como revisão, editoração e controle de qualidade do material traduzido.

Outra diferença está na extensão do material analisado: enquanto para a terminologia como atividade fim procura-se que o corpus de consulta seja o mais representativo e extenso possível, na tradução, em geral temos acesso apenas a um determinado texto (que será traduzido) e eventualmente a outro material de referência fornecido pelo cliente.

Além das restrições de tempo e material de consulta, a terminologia pode representar uma dificuldade porque muitas vezes o tradutor não domina o assunto específico. Outro ponto é que muitas vezes os textos tratam de tecnologia de ponta, ainda não utilizada no Brasil, cujos termos, portanto, ainda não foram cunhados em português. Nesses casos, é cada vez mais freqüente que muitos termos sejam mantidos em inglês, muitas vezes a pedido dos próprios clientes, que recebem treinamento no exterior e acostumam-se a utilizar a terminologia no idioma original. Caso não receba essa instrução, cabe ao tradutor cunhar o termo e validá-lo com o cliente ou especialistas.

Há ainda a dificuldade de identificação dos termos técnicos (sobretudo de termos compostos), a compreensão do seu significado e a definição e a validação.

Em geral, por falta de tempo para a elaboração de um corpus da área, recorre-se à pesquisa na Web. Dentre as muitas opções, te-

mos os mecanismos de busca, como *Yahoo* e *Google*, os bancos de terminologia, como o *EuroDicAutom*, os mecanismos de busca em dicionários, como o *Onelook*, e as listas de grupos, em que os participantes trocam informações e cooperam como os colegas sobre questões gerais de texto, terminologia e discussões profissionais, como a *Trd-Prt*, ou somente indicam glossários, como a *GlossPost*. Porém, essa prática de pesquisa vem acompanhada de todos os riscos de utilização de “corpora” não criteriosos, sobre os quais não há controle de qualidade dos textos escritos e dos glossários elaborados, por exemplo. Qualquer pessoa, falante de qualquer idioma, pode criar um glossário ou escrever um texto sobre um assunto que não domina e esse tipo de texto não pode ser considerado uma fonte confiável. Muitos textos encontrados são também traduções, das quais não é possível precisar o nível de qualidade e confiabilidade. Além disso, pode ser difícil diferenciar esse tipo de texto daqueles confiáveis durante a pesquisa.

Para evitar alguns desses problemas e para organizar a terminologia já definida, os tradutores e as empresas de tradução com frequência recorrem à ferramentas de gerenciamento de terminologia, como o *Trados Multiterm*. Nesse tipo de ferramenta, é possível inserir o termo original, a tradução atribuída e referência a fontes e contextos de ocorrência. Porém, como essas ferramentas fazem parte de pacotes que em geral têm custo elevado e também exigem tempo de aprendizado e utilização, muitos tradutores, empresas de tradução e clientes utilizam simplesmente listas ou tabelas em editores de texto e planilhas, como o *Microsoft Word* ou *Excel*, para listar a terminologia básica. Esse processo de organização, apesar de mais rápido, pode ser falho em vários aspectos, como a subjetividade no critério de seleção dos termos a serem incluídos, a superficialidade na pesquisa para identificação ou atribuição da tradução e a falta de contexto para futuras referências, além da falta de uma estruturação que esclareça a relação entre os termos e principalmente, entre os conceitos.

Diante dessas dificuldades com o uso da Internet ou de programas especializados, os corpora passam a representar uma opção bastante viável e confiável para a pesquisa terminológica em tradução, não só para pesquisa e ensino, como já comprovado por uma série de estudiosos, mas também no mercado de trabalho.

Na realidade, as empresas de tradução e um número crescente de tradutores já utilizam uma ferramenta de corpus, como confirma Bowker (2004): as memórias de tradução. Essas ferramentas segmentam os textos em trechos mais ou menos equivalentes a uma oração e armazenam esses segmentos seguidos de suas respectivas traduções.

Em geral, após um período de relacionamento com um determinado cliente, as empresas têm acesso a um grande volume de palavras, mesmo que muitas vezes de setores diferentes da empresa do cliente (comércio eletrônico, marketing, departamento jurídico, treinamentos técnicos, especificações técnicas de produtos). Como observa Bowker, esses arquivos das memórias de tradução são corpora paralelos.

Enquanto, na área de pesquisa e ensino, a composição do corpus baseia-se na maior representatividade dos textos em relação a um determinado assunto (segurança de rede ou receitas culinárias), para as empresas uma possibilidade é considerar como corpus a totalidade de textos traduzidos para um mesmo cliente ou para clientes de um mesmo setor. Assim, as empresas de tradução podem passar a considerar esse material não mais isoladamente em cada projeto, mas como um grande corpus específico àquele cliente ou setor, do qual é possível extrair padrões discursivos, sintáticos e lexicais.

Além da própria memória de tradução e eventuais textos disponibilizados pelo cliente, outras opções para empresas e tradutores é criar corpus a partir de *websites*, como descrito detalhadamente em Sardinha, 2004. Com a possibilidade de extração de todo o conteúdo dos *websites*, os tradutores podem criar um corpus incluindo os arquivos originais do *website* do próprio cliente

e de outros *sites* relacionados, como agências reguladoras, *sites* de outras empresas que atuam no mesmo setor, *sites* de universidades que desenvolvem pesquisa sobre o tema, entre outras fontes confiáveis. É possível, ainda, reunir textos originalmente escritos em português para montar outro corpus e, então, utilizar ferramentas de análise para extração de termos do corpus em inglês e do corpus em português, para posterior comparação dos termos e compilação do glossário.

Algumas das ferramentas que vêm sendo utilizadas para esse tipo de seleção terminológica são o *Corpógrafo*, desenvolvido e disponibilizado gratuitamente pela Linguateca (www.linguateca.pt), e o *WordSmith Tools*.

O programa *WordSmith Tools*

Em seu estudo de 2002, Tagnin define o *WordSmith Tools* (ou WS Tools) da seguinte forma:

... WordSmith Tools, ferramenta que fornece, a partir de textos pré-selecionados, concordâncias para a palavra de busca, clusters (agrupamentos freqüentes), listas das palavras mais freqüentes num texto, bem como palavras-chave de um texto.

A ferramenta, desenvolvida por Mike Scott, da universidade de Liverpool, é dedicada a análises lexicais, como colocações, agrupamentos e dados estatísticos relacionados a esses e outros itens. Dadas essas características, a ferramenta apresenta-se como sendo de grande utilidade para desenvolvimento de glossários de áreas de especialidade, como aqueles mencionados no estudo de Tagnin.

No âmbito acadêmico, ela vem sendo utilizada em pesquisas das mais variadas áreas, como análise do discurso, sociolinguística,

estudos de tradução, incluindo estudos sobre auto-tradução e ensino de tradução, por pesquisadores como Stella Tagnin, Francis Henrik Aubert e Tony Berber Sardinha.

Os princípios abstratos da ferramenta são:

- Ocorrência: somente são considerados os itens que constam no corpus.
- Recorrência: deve haver pelo menos duas ocorrências do item. Esse aspecto realça a importância do tamanho do corpus: quanto maior ele for, maior a probabilidade de ocorrência de termos raros.
- Coocorrência: os itens devem ocorrer junto com outros. O pressuposto teórico aqui é de que o significado de um termo é determinado em relação aos termos com os quais se relaciona.

A próxima seção contém uma apresentação resumida dos principais recursos do WS Tools, com base no livro *Linguística de Corpus* (Sardinha, 2004).

É possível fazer download gratuito da versão de demonstração da ferramenta no endereço eletrônico <http://www.oup.com/elt/global/catalogue/multimedia/demo/>. O site do projeto COMET - Corpus Multilíngüe para Ensino e Tradução, da USP, apresenta um manual resumido em português (<http://www.fflch.usp.br/dlm/comet/>).

Recursos do *WordSmith Tools*

A ferramenta apresenta três recursos: *WordList*, *KeyWords* e *Concord*.

A *WordList* é utilizada para gerar listas de palavras a partir do corpus de estudo. Uma vez coletado o corpus, de acordo com cri-

térios rigorosos (detalhadamente apresentados em Sardinha, 2004), seus arquivos serão selecionados para a criação da lista.

Na *WordList* são apresentadas todas as palavras do corpus, individualmente, com suas frequências. São geradas duas listas: uma em ordem alfabética e outra em ordem de frequência.

Para evitar a apresentação de várias entradas com o mesmo lema, é possível fazer a lematização: clique no item da lista que será o lema (por exemplo, *casa*), pressione F5 (mark/unmark) e clique nas outras formas que serão relacionadas ao tema (por exemplo, *casamento*, *casar-se*, *casou*, *casado*). Em seguida, clique em *join*. As palavras ficam com a cor cinza, passam a figurar ao lado do lema na coluna *Lemmas* e suas frequências são alteradas de acordo com as novas relações estabelecidas.

A lista de estatísticas apresenta os *tokens* (correspondente ao número total de itens ou palavras, incluindo as repetições de um mesmo item ou palavra), os *types* (correspondente a cada item ou palavra, sem considerar as repetições), a *type-token ratio*, ou relação entre type e token (que indica a riqueza lexical do texto - quanto maior a relação, mais variado é o léxico do texto) e a *standardised type-token*, usada para minimizar o impacto do tamanho do texto na *type-token ratio*.

O cálculo do número de sentenças e de parágrafos é feito com base em convenções de pontuação e será errôneo se os textos utilizados não seguirem tais convenções.

A segunda ferramenta, *KeyWords*, é usada para gerar listas de palavras-chave a partir da lista gerada pela *WordList*.

Para gerar as listas de palavras-chave, além da lista de palavras do corpus gerada pela *WordList*, é preciso ter um corpus de referência. O corpus de referência deve ser de língua geral e preferencialmente cinco vezes maior que o corpus de estudo para garantir que as palavras-chave sejam realmente especificidades do corpus de estudo. As palavras-chave são aquelas que ocorrem com mais frequência, estatisticamente, no corpus de estudo do que no corpus de referência.

Vale observar que a coleta de um corpus de referência é normalmente ainda mais trabalhosa e criteriosa do que a do corpus de estudo. O ideal é utilizar corpora de referência já disponíveis para venda ou download gratuito.

A ferramenta *KeyWords* também pode gerar a lista de palavras-chave-chave, que são as palavras-chave comuns a mais de um texto do corpus de estudo. Essa é possivelmente a lista mais relevante no contexto de elaboração de glossários, já que ela apresenta as palavras-chave que mais ocorreram em todo o corpus.

A terceira ferramenta é o *Concord*, que gera “concordâncias ou listagens de ocorrências de um item específico (chamado palavra de busca ou nóculo, que pode ser formado por uma ou mais palavras) acompanhado do texto ao seu redor (o cotexto)” (Sardinha, 2004:104). Essa ferramenta é especialmente útil para análise de termos compostos e contexto de uso, sendo assim também relevante para elaboração de glossários bilíngües de especialidade em que se deseje incluir os contextos para os termos.

Para especificar um determinado item que deve coocorrer com o nóculo (por exemplo, *casa* e *sogra*), basta digitá-lo na caixa *Context Word*. A ferramenta também possibilita a especificação do horizonte (número de palavras à direita e à esquerda do nóculo) e a direção (somente à direita ou somente à esquerda, ou ainda X itens à direita e Y itens à esquerda).

Também é possível analisar os *colocados*, que são as palavras que coocorrem com o nóculo, e seus contextos.

Considerações finais

Os recursos tecnológicos vêm mudando a perspectiva a respeito dos estudos da linguagem em geral e da tradução. A quantidade de informações que pode ser processada e analisada e a rapidez com que isso pode ser feito possibilitam observações e estudos que seri-

am impossíveis manualmente, além de conferirem um caráter de imparcialidade e representatividade à pesquisa.

Para que isso aconteça de forma adequada, no entanto, é imprescindível que a coleta e a criação de corpus sejam feitas segundo critérios rigorosos que, não sendo respeitados, podem comprometer a pesquisa como um todo, induzindo a resultados equivocados.

Atualmente, é possível que a utilização de ferramentas como o *Wordsmith Tools* ainda apresente algumas limitações para os tradutores individualmente, devido à complexidade de elaboração do corpus, aos recortes de conteúdo do material fornecido pelo cliente para tradução (não necessariamente abrangente sobre um determinado tema), aos custos de aquisição de corpus de referência e da própria ferramenta e ao tempo normalmente escasso de que os tradutores dispõem para o trabalho. No entanto, para empresas de tradução, a ferramenta pode vir a ser útil para a geração de glossários e guias de estilo. Diferentemente dos tradutores, essas empresas dispõem de pessoal e recursos dedicados à terminologia e têm acesso a um vasto material de um mesmo cliente devido ao volume de palavras dos projetos que realizam. Para essas empresas, tais ferramentas podem apresentar um custo acessível e capaz de apresentar os dados de forma mais abrangente, com contexto e mais imparcialidade. Mesmo para os tradutores individualmente, a familiaridade com essa e outras ferramentas de corpus torna-se imprescindível. Como aponta Bowker “a tradução é uma profissão que exige aprendizado permanente, o que significa que os tradutores profissionais estão sempre adquirindo novas habilidades” (2004:239, minha tradução). O perfil do mercado pode mudar, novos clientes podem mudar, e ter essas experiências amplia a gama de possibilidades de atrair clientes. Os preços dessas ferramentas devem diminuir, a entrada no mercado de profissionais que receberam treinamento para uso dessas ferramentas na universidade deve aumentar. As necessidades de cada cliente, de cada projeto, são diferentes e é importante conhecer as ferramentas para poder escolher.

Outra opção interessante são as ferramentas híbridas, que combinam memórias de tradução com recursos das ferramentas de corpus, como o *MultiTrans* e o *LogiTerm*.

Como observa Bowker, mesmo que as ferramentas usadas na pesquisa não venham a ganhar espaço diretamente no mercado, seus benefícios serão percebidos indiretamente no treinamento e na qualidade do trabalho e na autonomia e em novas alternativas de pesquisa para alunos que vão chegar ao mercado e o resultado das pesquisas poderá ser aplicado na prática profissional.

Além dessa contribuição, esse contato com as ferramentas de corpus e pesquisas criteriosas pode promover uma mudança de comportamento, de modo que tradutores e clientes tenham mais consciência de que é preciso fazer uma pesquisa terminológica mais detalhada, criteriosa, contextualizada em vez de, por restrições de tempo, satisfazerem-se com soluções “de emergência” encontradas em glossários e listas de termos cuja qualidade e confiabilidade podem ser questionáveis.

Referências

AHMAD, Khurshid; ROGERS, Margaret (1997). “Corpus linguistic and Terminology Extraction”. In *Handbook of Terminology Management*, volume 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

BAKER, Mona (1993). “Corpus Linguistics and Translation Studies: Implications and Applications”. In *Text and Technology: In Honour of John Sinclair*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.

BOWKER, Lynne (2004). “Corpus resources for translators: academic luxury or professional necessity?”. In *TradTerm*, volume 10. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP.

FRANKENBERG-GARCIA, Ana; SANTOS, Diana (2002). "Compara, um corpus paralelo de português e inglês na Web". In *Cadernos de Tradução IX*. Florianópolis: UFSC. On line: <http://www.cadernos.ufsc.br/online/9/ana.htm>

SARDINHA, Tony B (2004). *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole.

TAGNIN, Stella (2002). "Os Corpora: instrumentos de auto-ajuda para o tradutor". In *Cadernos de Tradução IX*. Florianópolis: UFSC. On line: <http://www.cadernos.ufsc.br/online/9/stella.htm> - notas

_____. (2004). "Corpora: o que são e para quê servem". On line: <http://www.fflch.usp.br/dlm/comet/>

TELINE, Maria F.; ALMEIDA, Gladis M.; ALUISIO, Sandra M. "Extração Manual e Automática de Terminologia: Comparando Abordagens e Critérios". On line: http://www.nilc.icmc.usp.br/til2003/oral/Teline_Almeida_Aluisio_37.pdf

VARANTOLA, Krista. (2002). "Disposable corpora as Intelligent Tools in Translation". In *Cadernos de Tradução IX*. Florianópolis: UFSC. On line: <http://www.cadernos.ufsc.br/online/9/krista.htm>

WRIGHT, Sue E.; WRIGHT, Leland D. (1997) "Terminology Management for Technical Translation". In *Handbook of Terminology Management*, volume 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.